# relendo o caso Dora.
# a histeria: o saber e a verdade
# na direção do tratamento

Eliane Z. Schermann

Movido por sua paixão pela verdade, Freud consente em ser tomado pelo "deixe-me falar e dizer" das histéricas e faz da histeria um fato de estrutura. Freud não se detém no fracasso e nos impasses encontrados pela medicina no tratamento com as histéricas e, assim, faz avançar a ciência. Com base nelas, Freud inaugura o discurso da psicanálise e subverte a noção de saber. Propomo-nos a retomar a leitura do clássico caso Dora para refletir sobre a direção do tratamento da histeria.

Questionado pela pergunta "o que quer uma mulher", Freud expõe a impossibilidade de resposta quando se trata do encontro, do homem ou da mulher, com o enigma do sexo feminino, por ele nomeado de "continente negro". O mal encontro com a alteridade absoluta, com o Outro sexo, o que a nosso ver vai além do que é colocado pela pulsão de morte, pela castração e pelo Édipo, convoca o sujeito histérico ao balizamento da fantasia, do qual escapa por se furtar ao objeto. Onde o discurso rateia, é exigido ao sujeito histérico recorrer aos semblantes. Foram as histéricas que deram a ver, no corpo, com seus sintomas, o que de real na sexualidade é expresso por um "não há". Dos sintomas histéricos, ele apreende o lugar do discurso onde está a falha de um saber sobre o sexual. Porque é nessa falha que Freud constata estar o êxito para a experiência analítica e para seus próprios fundamentos.

Para não mergulhar no lugar vazio de sentido, o sujeito da experiência analítica convocado pela repetição de um impasse insiste no lugar de sua divisão subjetiva. A resposta ao inconsciente e os efeitos do saber inconsciente somente se revelam mais claramente no discurso da histérica. Lacan destaca no "nada querer saber disso" da histeria o próprio fundamento do inconsciente manifestando-se na associação livre e em ato. Para lidar com "isso", a histeria tem como recurso o dizer dos sintomas. Avançando um pouco mais, Lacan afirma que no *sinthome*[1], por sua vez, ressoa o que resta de pulsão após ter sido decantado da demanda o "sinto-mal". Isso porque o âmago

[1] A meu ver, Lacan distingue o *sintoma* como significado do Outro do *sinthome* para destacar a diferença entre o que é da ordem do significante e o que é da ordem da pulsão no sintoma.

do sintoma não é devido a um saber fechado, mas a "uma falha aberta no saber do Outro"[2]. Tecido na linguagem, o sintoma, alojado nas falhas de um saber, é reafirmado por Lacan em *Radiofonia*: "o inconsciente engata o sintoma". Por isso, sua decifração alcança a redução das demandas para, então, apenas evocar o que resta de pulsão – invocativa ou escópica. Essa marca distintiva de falta, memorial de gozo, faz sua aparição no real e convoca o sujeito a um mais além.

O recurso da "vacilação calculada da neutralidade do analista"[3] no tratamento da histérica, em conformidade com a estrutura da fantasia e com o que escapa de pulsão do sintoma, acaba por levar a negativa histérica ao ato e ao real e, assim, permitir a aproximação ao enigma do Outro sexo, alteridade absoluta.

## a histeria e o lugar enigmático do "sinto-mal"

As histéricas ensinaram a técnica de associação livre a Freud, nele despertando o desejo de descobrir o lugar impossível da representação inconsciente recalcada. Ao se proporem à alienação do desejo na palavra para sustentar o desejo do Outro, sob o modo de *identificação*, e não sob o modo de resposta, que estaria mais no campo da *fantasia*, elas exibiam com seus sintomas o efeito real da linguagem no corpo onde o gozo deita seu leito. Assim, elas mostram a articulação fundamental entre sintoma e inconsciente.

Lacan tem uma bonita frase, uma de suas primeiras definições sobre o sintoma, em *Função e campo da palavra e da linguagem*: sintoma "é aquilo que se pode decifrar dos hieróglifos da histeria"[4]. O sintoma dá a ver o que é da ordem do impossível de ser visto, ou melhor, de ser dito. Trata-se de uma escrita sobre a carne, sobre o véu de Maia, sobre o que está velado. Desde a instauração até seu desvelamento, o sintoma é um ato de apreensão pela palavra. Desvelando a verdade do desejo na voz do sintoma, elas mostram o gozo imperativo ressoando nas entrelinhas do dizer (recorremos à homofonia que a língua francesa permite equivocar: *jouis* e *j'ouis*, *gozo* e *ouço*). Podemos recusar compreender o sintoma. No entanto o próprio ato de dizer conjuga o sentido do sintoma à verdade que se articula.

Das histéricas, Freud apreende o lugar enigmático e escondido do objeto em causa na verdade que emerge do desejo[5]. Sua irrupção marca os momentos de impasse do tratamento, as resistências e repetições da experiência analítica, assim como o aparente fracasso da significação e do sentido. Por meio do discurso da histeria, situa-se mais claramente o objeto-causa de desejo advindo em lugar do desejo como objeto.

[2] Lacan. Do sujeito enfim em questão (1966/1998, p.234).

[3] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1958/1998, p.839).

[4] Lacan. Função e campo da fala e da linguagem (1953/1998, p.282).

[5] Se, por um lado, o deciframento do sintoma sustenta a direção de um trabalho sobre as identificações e os equívocos significantes (o que Freud chama de sobredeterminação), na verdade o que é visado é o objeto. Freud diz: "Um motivo para ficar doente (o ciúme e o desejo de vingança ao pai e aos homens em geral) deve ser nitidamente distinguido, como conceito, da suscetibilidade à doença. Os motivos não participam da formação dos sintomas [...] só aparecem secundariamente. [...] Um sintoma penetra, de início, por um sofrimento de ordem real, como um hóspede indesejável. Estará na "suscetibilidade à doença" a "excitação de natureza erógena retida" da qual fala Freud? Será essa excitação correlata ao vazio do objeto, memorial de gozo que a lógica da fantasia nos permite averiguar?

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo,* Lacan afirma que na histeria "o desejo só se mantém pela insatisfação que lhe é trazida ao se furtar ali como objeto"[6]. Essa é a estratégia histérica peculiar para lidar com a castração. O efeito castração faz aparecer o vazio do objeto. O objeto, constituindo-se como falta e insatisfação, encontra seu valor por faltar ao Outro. Ao se colocar no lugar de objeto que causa o desejo do Outro, a histérica sustenta e expõe a causa que divide todo neurótico. Ao se dizer "sou desejo", o que emerge é "sou castração", ou ainda, "sou falta"[7]. Essa é outra forma de dizer que o sujeito, como efeito da linguagem, se funda no objeto perdido[8], objeto memorial de gozo, correlato ao gozo subtraído. Esse gozo insiste no traço (unário) como marca de repetição do vazio do objeto porque "a cada conto, se subtrai um ponto". Essa marca de falta, memorial de gozo faz sua aparição no real e... um passo a mais... alcança um mais além.

O que muda na direção de tratamento que visa ao objeto em lugar das identificações e do significante? Vamos considerar que essa visada se endereça à destituição do "ser", à "falta-de-ser" e à falta-de-gozar que a histeria melhor expõe como fato de estrutura. Estamos, nesse mesmo sentido, também abordando o ato analítico que faz vacilar o objeto-causa de desejo na fantasia.

De fato, vamos supor ter sido a emergência de um dizer inesperado de Freud que, provocando nas histéricas a comoção e a surpresa, as fez vacilar no instante e no ponto da verdade nascente. Freud destaca a palavra enigmática, o equívoco e a ambigüidade no prefixo do significante *vermögend*, o que lhe permitiu um primeiro acesso ao segredo dos sintomas.

As histéricas permitem interrogar a "potência de pura perda" citada por Lacan em *Televisão*, potência correlata à subtração de gozo escrita no objeto *a*; objeto solidário ao vazio característico do objeto fantasmático, aquele que vem enganar a falta, ou seja, que o sujeito busca para lhe repor a perda de vida que lhe é própria por ser sexuado" (*separare, se parere*)[9]. São as histéricas que ensinam que o objeto pode ser manejável para alcançar o vazio central da fantasia e fazer com que o âmago do desejo seja movido pelo objeto em sua função de causa.

$\not{S} / a$ (no lugar da verdade, nada pode fazer para definir o sujeito) $S_1 / S_2$.

Assim, para alcançar o que é da ordem da causa do desejo e do mais-de-gozar[10], é preciso abordar as várias acepções do objeto *a* em Lacan. São elas: o objeto *a* fixando o gozo na fantasia, o objeto *a* correlato ao objeto perdido freudiano, também correlato ao gozo renunciado, ou seja, objeto memorial

[6] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo (*op. cit.*, p.838).

[7] No "eu sou" do "ser" encontramos o que Lacan afirma em relação à passagem da imagem fálica como equação do imaginário ao falo simbólico, ou seja, ao Um-significante-a-menos que, por ser impossível de negativizar, é correlato ao significante do gozo. Encontramos esse desenvolvimento em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (*op. cit.*, p.838), que depois aparece, com pequenas modificações, em *O seminário - livro 20: Mais, ainda*, em que o "ser" é referido ao "ser/corpo de gozo".

[8] Ao objeto perdido freudiano fazemos equivaler o objeto-memorial de gozo em Lacan.

[9] Lacan. Posição do inconsciente (1964/1998, p.863 e 857).

[10] Trata-se daquele excedente pulsional que funcionará em lugar da causa de desejo.

de gozo, enfim, o objeto *a* na vertente de causa de desejo. Todas essas acepções têm uma imanência comum: o vazio central do desejo e a aparição do sujeito no real[11]. A causa-de-desejo somente será engendrada com base no vazio central do sujeito.

Para tanto, é preciso o manejo do vazio que se produz em "pura perda". Trata-se do manejo dos objetos da fantasia – voz, olhar – e até mesmo os das demandas – o seio, os excrementos etc. –, objetos que sustentam a realidade e são produto do transporte libidinal do sujeito na fantasia. A fantasia é uma resposta ao que condiciona todo sujeito: a pulsão. Sendo significação absoluta, a fantasia tem sua função axiomática e real. Ela sustenta e engendra o saber. Determina a causa ao alcançar um irredutível no hiato aberto pelo real do gozo que, na própria fantasia, se congela.

[11] Em *Posição do inconsciente* (*op. cit.*, p.859), Lacan diz que "Ao quebrar o ovo faz-se o Homem, mas faz-se também a Homelete". E acrescenta "temos que nos prover deste homúnculo em nossa cabeça para fazer do real uma realidade" (p.860). E a nossa realidade não é outra senão a psíquica, ou seja, a fantasia organizada pelo Édipo.

## a histeria, o gozo e a verdade do desejo

A psicanálise trata do saber não sabido que, como suposto, se articula. Lembremos a afirmação de Lacan em *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*: o saber é meio de gozo, e a verdade, irmã do gozo. O caminho entre saber e verdade se encontra por ele barrado pelo gozo. O gozo é um limite simbólico. A verdade, que retemos sem a pretensão de dizê-la toda, coloca o lugar de causa de desejo em reserva. Precisamente nessa sensível fronteira entre verdade e saber, o discurso analítico se sustenta. Assim, não há acesso direto possível entre o saber extraído do significante e a verdade que somente pode semidizer o gozo. Nada como a histeria para mostrar melhor a íntima relação entre a verdade – que se articula no saber inconsciente – e o sintoma – no qual o gozo encontra seu pouso. A histérica mostra ao analista que o saber não é significação, mas um saber que adquire valor de verdade.

A verdade se articula quando Dora entrega a Freud os significantes de sua história. Intervindo nos traços mudos dos ditos, Freud implica Dora na verdade que se transmuta pelas reviravoltas dialéticas[12] nela despertando o desejo de saber. Seus sintomas – a afonia e a tosse – se tornam a expressão de um dizer. Ao ser convocada pelo dizer enigmático de Freud, a voz sufocada pela "pressão" no peito, efeito do deslocamento da "pressão" do pênis que, na cena do lago, desperta em Dora o enigma da mulher. E este lhe retorna como questão. Identificada aos traços simbólicos que retira do campo do Outro, Dora edifica estes sintomas já citados para fazer "existir a relação sexual". No lugar vazio do real do sexo, lugar preenchido pela identificação aos traços simbólicos extraídos do amor – Dora

[12] Lacan. Intervenção sobre a transferência (1952/1998, p.225).

ama a Sra. K, que ela supõe ser a mulher amada pelo pai e pelo Sr. K –, Dora se aliena nos significantes de seus sintomas para evitar lidar com a castração do Outro.

O que quer Dora quando se diz objeto de troca, objeto sacrificado aos desejos paternos? Dora goza com suas queixas. Sustentando-se na fantasia de objeto sacrificado ao Outro, ela facilita e, até mesmo, "sob sua proteção vigilante", disponibiliza os encontros amorosos entre o pai e a sra. K. Dessa forma, ela podia endereçar à mulher que a fascinava "com sua brancura" – a Sra. K. – suas verdadeiras questões sobre o obscuro enigma da feminilidade. Segundo Dora, a Sra. K. apenas amava seu pai porque ele era "um homem de posses"[13] [*ein vermögender Mann*]. Freud escuta o avesso no equívoco "homem sem recursos" [*ein unvermögender Mann*]. Destacando a ambigüidade do significante *vermögender*, Freud provoca em Dora comoção e espanto[14] reforçando o que a histérica já "sabe": que o significante é puro semblante, sendo também impotente para barrar o gozo ou definir o mistério da mulher. Mas nele Dora apoiava sua identificação para endereçar suas questões sobre o gozo da mulher.

[14] Freud destaca o que ele nomeia de palavras-desvios, com suas conotações ambíguas que lhe facilitaram provocar a comoção na paciente (*ibid.*, p.62, nota).

## discussão sobre a direção do tratamento na histeria

O ato analítico opera sobre este vazio de significação e faz vacilar a fantasia. A fantasia é uma resposta ao que condiciona o sujeito, a pulsão. Por outro lado, a pulsão é uma fronteira entre o falo[15] e o pai[16], que ora pode se apresentar demasiadamente gozador, correlato ao pai impotente em gozar, que, na neurose, desvela sempre um pai traumático (*trou-matisme*). Esse trauma também pode ser lido, como tão bem demonstra a histeria, como equivalente ao encontro impossível entre a onipotência fálica e o gozo da mulher, que segundo Lacan, "não existe"[17]. Lacan nos ensina que o falo vale por sua perda, para permitir somente então fazer aparecer o sulco de uma falta. É desta forma, em perda, que o falo propicia o ato sexual. Correlato a qualquer objeto no plano erótico, o falo torna-se uma unidade de medida para os objetos do desejo. Na histeria, a função fálica é profundamente recalcada e escondida, apenas se manifestando nos sintomas[18]. Por meio da equivalência simbólica permitida pelo significante fálico, expressão do gozo impossível de ser dito, o sujeito histérico dá a ver com seus sintomas suas questões enigmáticas sobre o amor e o desejo sexual.

Embora tenha sua vertente imaginária, a fantasia é também da ordem do real. É a fantasia que sustenta o que é da ordem do desejo. O ato analítico opera o acesso ao real para que o dito adquira valor de um dizer. Enquanto o dito tem

[15] Já destacamos anteriormente a distinção necessária entre o falo imaginário e o simbólico para uma leve aproximação ao coeficiente de gozo, que a histeria insiste em recusar.

[16] Aqui, dizemos que o pai é necessariamente erigido como imaginário, para poder funcionar como pai real, agente da castração.

[17] Caracterizamos o gozo feminino como aquele que não tem um significante para barrá-lo ou nomeá-lo. Este somente advirá em suplência, e não como complemento à vertente masculina. É relativo ao gozo da "mulher que ex-siste". O falo que caracteriza o gozo do órgão masculino é uma barreira para o encontro entre um homem e uma mulher. Por isso, destacamos a castração e a detumescência para que haja ato sexual.

[18] Lacan. *O seminário - livro 8: A transferência (1960-1961)* (1992, p.251-258).

estrutura gramatical e, portanto, está sujeito à sintaxe; o dizer é um ato que, desde o vazio central do sujeito, desencadeia interpretações. O ato analítico deve fazer vacilar as significações nas quais se prende o sentido do sintoma, assim como, também visa comover o núcleo de gozo que se fixa na fantasia.

Teria Dora algum "saber"? O que podemos afirmar é que ela "sabe" despertar em Freud sua vertente laboriosa, seu desejo de saber sobre os enigmas da sexualidade. Primeiramente, Freud quer que Dora entregue a chave de seu enigma e seu segredo sobre o saber sexual recalcado. Se ao entregar os significantes de sua história, Dora sustenta o desejo de Freud, também revela que os significantes não estão feitos para a relação sexual.[19] Assim, ela cria suas armadilhas na transferência e faz com que Freud, em lugar de "pagar com sua pessoa"[20], pague com a descoberta da transferência. Caso tivesse se utilizado do "suposto saber", o gozo disjunto do saber teria insistido em se articular para desvelar mais uma verdade que "meio-diz" o gozo convocado pelo olhar e recoberto por seu amor pela Sra. K. É nesse lugar da verdade que o analista é chamado a operar.

Para alcançar o que resta de pulsional no desejo, o objeto da fantasia, também objeto memorial de gozo, objeto, segundo Freud, perdido para sempre, exige do analista tornar-se um operador da estrutura, ou seja, deixar-se conduzir pelo ato. No ato, o objeto se torna ativo e o sujeito[21] é ultrapassado, vacilando entre as amarras da fantasia.

Freud se indagava qual a razão de ser das coisas, das queixas e da passagem ao ato de Dora, ou seja, da bofetada que ela dá no Sr. K., na beira do lago[22]. Recusando-se a entregar seu saber a Freud quando este se comportava como mestre e senhor exigente de confissões, Dora em nada aceitava ser a escrava de um saber endereçado e construído para o mestre. Embora aspirasse o saber, em lugar de se subtrair ao significante que poderia conduzi-la ao vazio da repetição e à marca real do objeto, ela recorre às identificações. Todavia os enigmas sobre o sexo que se repetem nos traços de gozo nada devem aos significantes da identificação e do sintoma[23]. Os $S_1$ referem-se apenas às marcas simbólicas nas quais conotamos a repetição do gozo em perda. O corpo pode ser um de seus leitos daquilo que é pura perda. No entanto, Dora transforma-o em consistência de gozo e o erige em sintoma.

Despertando o "desejo de desejar", provocando o desejo de saber um pouco mais... sobre a sexualidade" e, embora, sabendo que o saber nada deve ao todo-Um da mestria, Dora entrega o significante – *vermögender Mann* – para produzir um

[19] Embora sejam eles que sustentam os sintomas que fazem existir a "relação sexual".
[20] Lacan. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1998, p.593).

[21] O sujeito que, segundo a definição lacaniana, se define por tentar se representar de um significante para outro significante, ao ser ultrapassado e estando pelo desejo advertido, se deixa conduzir pelo que é da ordem do pulsional.
[22] Freud. Fragmento da análise de um caso de histeria (*op. cit.*, p.22 e 103).
[23] Nos sintomas encontramos a ilusão da existência da relação sexual, ou seja, há a ilusão de completude e indistinção na ordem do sexual. Em outras palavras, é como se houvesse um encontro perfeito entre o que é da ordem do pulsional que insiste e resiste a se tornar um dizer e o que é da ordem do significante que, na realidade, sempre falta para dizer a última palavra sobre o que é mais peculiar à subjetividade, o gozo.

saber. Neste sentido, o discurso da histérica sustenta o desejo do analista ao se colocar em lugar de causa de desejo para sustentar o desejo do Outro como lugar da palavra.

A histérica mostra ao analista que o saber não é significação, mas um saber que adquire valor de verdade. Dora vacila, ela sabe e não sabe que o objeto de desejo é um impossível de saber. Esse lugar secreto, a histeria dá a ver e esconde, vela e desvela, no objeto de desejo: o saber sexual recalcado e oculto na palavra que falta. É assim que a histérica mostra que o objeto é falta. Também é assim que ela desperta o desejo de saber sobre a causa do desejo do Outro. É através do discurso da histeria que situamos mais claramente o objeto-causa de desejo operando no lugar do desejo como objeto.

Dora insistia em denunciar a impotência do saber para alcançar o objeto de desejo. Deste objeto, ela priva o Outro, deixando-o na ignorância. Ora escapulindo como objeto, ora revestindo-o falicamente pelos traços identificatórios, é que a histérica tenta fazer existir a relação sexual. Caindo nas armadilhas da transferência, Freud descobre o que Lacan destaca: com Dora, Freud confunde o objeto de desejo com o da demanda. É Lacan quem *res*-situa[24] o objeto causa de desejo em lugar do desejo como objeto.

Em *O seminário – livro 8, A transferência,* Lacan desenvolve a estrutura da fantasia histérica: *a /- φ em relação ao A*[25]. A histérica põe a descoberto o buraco aberto no Outro. Esse furo evoca o saber impossível sobre o sexual, saber privado de um significante último que possa representar o sujeito. Trata-se de um saber impossível que convoca o sujeito a responder à castração do Outro. E é precisamente isso que a histérica, como qualquer neurótico, mais teme. No buraco aberto no Outro, lugar privado de respostas, a histeria subtrai-se da fantasia e do desejo do Outro exibindo com seu corpo e sintomas o objeto que se constitui como falta-a-gozar. Correlato à renúncia de gozo, o objeto equivale à valência negativa que conota o gozo como o que "perdura de pura perda". Sendo a estratégia histérica a de despertar o desejo de saber do Outro, saber que sempre falha, ela também expõe a falha em definir a sexualidade sugerindo ali haver um segredo. Se, por um lado, mostra serem os significantes puros semblantes, nela, as identificações não se sustentam senão em sintomas a serem decifrados. Isso somente é possível porque os sintomas informam algo sobre o desejo.

Ao encontrar uma satisfação substitutiva nos sintoma, a histérica busca fazer o impossível: ou seja, fazer existir a relação sexual[26]. Dessa forma, Dora faz um enigma permanente sobre

[24] Na palavra *res*-situa destacamos o equívoco significante permitido pela língua portuguesa, que evoca no prefixo *res* o significado de "coisa", em latim.

[25] Lacan. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)* (*op. cit.*, p.248).

[26] Segundo Lacan, a relação sexual não ex-siste, ou seja, no "não" encontramos uma correlação com a negativa freudiana, e na ex-sistência destacamos a pulsão que sempre insiste em se satisfazer, mesmo que seja por substitutos.

um gozo sexual subtraído, expresso no nojo, deslocado e escamoteado pelo próprio uso das palavras – *vermögender mann*. Sua palavra no tratamento tem valor de sintoma porque concentra a insatisfação e as queixas a serem transformadas em questões sobre o gozo sexual, gozo, por sua vez, "retro-alimentado" pela insatisfação e pelas queixas. Sua questão endereçada ao Outro[27] é relativo ao Outro gozo, gozo da "mulher que não ex-siste", gozo impossível de ser dito por palavras, que ela responde com suas estratégicas e sintomas histéricos. Neste lugar além-sexo, o que a nosso ver, vai além do que é colocado pela pulsão de morte, pela castração e pelo Édipo, insiste um mais-de-gozar.

À medida que a associação livre prossegue, o objeto-causa de desejo, o olhar, desponta no horizonte. Assim destacamos a experiência de olhar o livro-enciclopédia sobre a sexualidade[28], leitura que partilhava com sua cúmplice que, mais tarde, a trai – a Sra. K. Assim também era a experiência de olhar a brancura da Madona[29] erigindo nesse ideal, o vazio do objeto-olhar[30]. Assim, também Dora se esconde ao olhar da Sra. K, desvelando o olhar oculto entre as palavras, olhar subtraído do Outro nas sombras do desejo. É desta forma que Dora desvela que o desejo histérico só se mantém pela insatisfação empenhada ao Outro ao se furtar ali como objeto. Ou seja, a histeria sustenta o desejo por faltar ao Outro. Encarnando o vazio do objeto ou, até mesmo, a marca invisível recebida do significante[31], a histérica põe o Outro a trabalhar sob a vertente de indeterminação do sujeito no significante, justo, no lugar onde o Outro não responde. Dessa forma, a histérica encontra seu valor por faltar ao Outro.

É assim que Dora se identifica ao que causa o desejo do Outro. Essa identificação remete ao objeto *a* uma vez que supõe que o Outro o guarda. Em lugar de renunciar ao gozo em função da causa, ela paga o preço da ilusão da completude do Outro com seus sintomas.

De criança sacrificada pela Sra. K. – ela é traída pela amiga e confidente[32] –, de criança sacrificada pelo pai como objeto de trocas[33], vertente fantasmática que mantinha ambos – a Sra. K. e o pai – no lugar de Outro absoluto[34], personagens imaginariamente isentos da castração, Dora, como qualquer neurótico, evitava se deparar com a castração que sempre é do Outro. Assim erigidos, os personagens de sua novela familiar permitiam a Dora acreditar que neles encontraria a chave do segredo sobre a feminilidade. De fato, o que Dora desejava era despertar um saber sobre o sexo que nenhuma identificação pode trazer. Paradoxalmente, ela se identifica para fazer retornar suas questões enigmáticas a partir das próprias identificações.

[27] Encarnado, por exemplo, na Sra. K.

[28] Freud. Fragmento da análise de um caso de histeria (*op. cit.*, p.96).

[29] *Ibid.*, p.93.

[30] Lacan destaca no olhar e na voz os dois objetos de desejo, distinguindo-os dos objetos freudianos seio, boca, fezes, falo como objetos de demanda.

[31] Lugar onde o gozo vazio de significação insiste na repetição e comemora a irrupção de gozo. O traço unário é descrito por Lacan como a marca invisível do significante.

[32] Freud. Fragmento da análise de um caso de histeria (*op. cit.*, p.59).

[33] *Ibid.*, p.32.

[34] Ou seja, não submetidos à castração e assim correlatos ao pai totêmico, o pai da exceção que sustenta o lado masculino das fórmulas da sexuação. A eles Dora se identificava, sustentando assim a vertente do homem, "bancando o homem", como tão bem sabe a histérica. Dora erige personagens imaginariamente isentos da castração para, como qualquer neurótico, evitar se deparar com a castração que sempre é do Outro. E é *trou*-mática.

À medida que Freud se entusiasma com suas descobertas na "explicação" do sonho sobre o da caixa de jóias[35], Dora lhe mostra que não busca a satisfação de seu desejo. Ao contrário, sendo um dos exemplos paradigmáticos da histeria, ela goza na insatisfação. Porque o que ela quer é construir um saber sobre o gozo para além do pai, ou seja, o gozo da mulher.

Embora no sonho sobre a caixa de jóias[36], a jóia pudesse evocar um semblante no qual ela poderia se identificar, ela não "era" a jóia, nem queria a jóia que poderia encontrar no corpo do Sr. K.[37] O que ela desejava, de verdade, era manter o vazio da caixa, equivalente ao jarro, o vazio do jarro, que Lacan torna correlato ao corpo. O corpo é trabalhado por Lacan em seus seminários como o invólucro do vazio, do *nada* que invoca para Dora o gozo suplementar e *ex-sistente* da mulher e do qual ela "não quer saber".

O que ela queria era manter o olhar sobre a brancura que revestia o enigma da mulher. Ela recusa o vazio e o substitui pelo nojo. Também se identifica ora com o olhar ora com a voz afônica, ambos objetos que se manifestam em ato em todas as cenas: a do lago com o Sr. K, a afonia[38] na presença da Sra. K., no olhar fascinado perante a Madona. O objeto pode ser invocado quando ela cai fora, sai "das vistas" e até mesmo quando ela "cai fora" da análise com Freud. Assim, ela se subtrai como ser de gozo e se constituiu no que falta ao Outro. O objeto *a* em sua vertente de fixação de gozo é um objeto impertinente ao qual o sujeito somente consegue se aproximar pela fantasia.

Se considerarmos o objeto como o que detém o sujeito, que o fixa na fantasia, fica mais fácil considerar que o objeto também é o fundamento da unidade ilusória do sujeito, ou do semblante. O objeto no lugar da verdade está estruturalmente separado do lugar do semblante. No entanto, "o objeto *a* nunca separa muito bem o gozo fálico do gozo do Outro. Entre o fora do corpo do gozo fálico e o fora da linguagem do gozo do Outro, a histeria se vê obrigada a converter a linguagem do corpo e a vida do corpo em significante"[39].

Do final da análise com as histéricas, Freud concebe ser o luto da "essência do macho" por ela realizado, uma das formas do retorno do que ela diz: no impossível desta busca, a histérica desvela o semblante que o falo é.

[35] Freud. Fragmento da análise de um caso de histeria (*op. cit.*, p.64).

[36] Ibid., p.88.

[37] Ali e lá poderia encontrar o órgão de gozo que suplementaria o gozo feminino. Mas, como histérica, ela se furtava a ele.

[38] Freud. Fragmento da análise de um caso de histeria (*op. cit.*, p.37).

[39] Gallano. Los deberes de la histérica (1988, p.119).

## referências bibliográficas


FREUD, Sigmund. (1905) Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. VII.

GALLANO, Carmen (relatora). Los deberes de la histérica. In: *Histeria e obsessão.* Buenos Aires: Manantial, 1988.

LACAN, Jacques. (1952) Intervenção sobre a transferência. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1964) Posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1966) Do sujeito enfim em questão. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. Radiophonie. *Scilicet.* Paris, n.2/3, p.55-99, 1970.

LACAN, Jacques. (1974) *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

resumo

O que o "deixe-me falar e dizer" das histéricas ensina a Freud sobre a direção do tratamento? As histéricas manifestam que "o desejo se mantém pela insatisfação que ela ali denuncia escapando como objeto". Elas erigem seus sintomas na "falha de um saber sobre o sexual". Nada como a histeria para melhor mostrar a íntima relação entre a verdade – que se articula no saber inconsciente – e o sintoma – no qual o gozo encontra seu pouso! Lacan define o tratamento da histeria em conformidade com a estrutura da fantasia. Podemos nos perguntar o que muda na direção de tratamento que trabalha o equívoco significante e, assim faz vacilar as identificações, se abordarmos em lugar do "ser" (por ex. "ser o falo"), a "falta-a-ser" que a histeria melhor expõe como um fato de estrutura? Como abordar o ato analítico em relação ao objeto-causa de desejo que oscila na fantasia? Retomemos a incidência da palavra de Freud. Como bem demonstra no clássico caso Dora ao provocar comoção e surpresa com suas palavras, Freud permite ao vazio do objeto, que se fixa na fantasia, manifestar-se nas reviravoltas dialéticas e na retificação subjetiva.

palavras-chave

histeria, direção do tratamento,
comoção, verdade, objeto

## abstract

What does the "let me speak and say" of the hysterical ones teach to Freud about the direction of the treatment? The hysterical ones manifest that "the desire stays for the dissatisfaction that she there denounces escaping as object". They erect their symptoms in the "failure of a knowledge on the sexual". Nothing as the hysteria for best to show the intimate relationship among the truth – which pronounces in the unconscious knowledge – and the symptom – in which the joy finds its landing! Lacan defines the treatment of the hysteria in accordance with the structure of the fantasy. We can wonder what changes in the treatment direction which works the significant misunderstanding and, that way it makes like this to hesitate the identifications, if we approach instead of the "be" (for former. "to be the phallus"), the "to lack-to-be" the better hysteria expose as a structure fact? How to approach the analytical action in relation to the desire object-cause which oscillates in the fantasy? Let us retake the incidence of Freud's word. As it is well demonstrated in the classic Dora's case when provoking commotion and surprise with his words, Freud allows the emptiness of the object, to be fixed in the fantasy, to manifest in the turns dialectics and in the subjective rectification.

## keywords

hysteria, direction of the treatment, commotion, truth, object